

## ABORDAGEM METODOLÓGICA SOBRE A SEMANA SANTA EM LÍNGUA INGLESA EM SALA DE AULA

Ana Kécia da Silva Costa

Universidade Federal de Campina Grande – [anasilvakecia@gmail.com](mailto:anasilvakecia@gmail.com)

### Introdução

O ensino de Língua Inglesa (LI) no Brasil é regido por interesses dentro de um modelo descentralizado dos sistemas educacional e político. As principais instâncias decisórias que formalizam as normas para a educação básica brasileira são a esfera federal, a partir da Constituição Federal (CF), da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); e as esferas estaduais e municipais, através das diretrizes das secretarias de Educação dos Estados e municípios.

Assim como as escolas são orientadas pela LDB e PCN's em sua esfera, os professores (de todas as disciplinas) são orientados a utilizarem esses documentos, inclusive a Base Curricular Comum (BCC) para lecionar suas aulas. De acordo com o CDE (2015), no caso da LI os educadores necessitam focar no uso de Gêneros Textuais (GT) para expor os alunos a um mundo que lhes é desconhecido e assim desenvolverem aptidões funcionais de interação em qualquer ocasião a qual forem submetidos.

O baixo rendimento dos alunos na LI não é determinado apenas pelo reduzido número de aulas por semana, pela duração dessas mesmas aulas, pela grade curricular proposta e/ou pela precedência de habilidades que serão trabalhadas, mas sim por fatores que extrapolam o ambiente escolar e perpassam pelo socioeconômico. Deste modo, se é notório que a carência de proficiência dos alunos está em parte na sua quase nula standardização do ensino dessa língua, o que não facilita no acompanhamento efetivo desta disciplina com devida qualidade e o exercício de melhorias para o aprendizado real dos alunos, como constatado por Brasil (1998).

Foram discutidos alguns pontos teóricos, a saber: Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho, escrito por Irlandé Antunes; Ciladas da diferença, escrito por Pierucci; Diversidade religiosa no contexto escolar: uma discussão baseada no conceito de cultura, escrito por Gomes, Oliveira e Souza; na seção 3 (três) virá o aprofundamento nessas e outras questões teóricas.

### 1 Metodologia

As aulas foram ministradas em duas turmas de 9º ano do EF, tendo por início uma sondagem do conhecimento prévio dos alunos acerca do tema *Holy Week: knowing different ways of celebrating it*<sup>1</sup> e à medida que eram ditas palavras como *wine, bread, fish, rabbit, easter eggs* etc. advindas dos alunos, eram escritas no quadro para melhor apreensão do tema. Foi perguntado aos alunos se seguiam algum ramo religioso: se sim, qual era, caso não, como se autodenominava. O entendimento das diferenças entre as denominações religiosas ali presentes foi conduzido a partir da inferência feita pelos próprios alunos, o que motivou o debate logo após as interpretações expostas por cada aluno. Logo depois, foi explanado como cada ramo religioso ali presente celebrava a semana santa; já no caso de quem não aderiu a nenhum ramo, foi se dito como passava essa celebração em sua individualidade, foi se explicado a diferença entre elas utilizando as mesmas para exemplificação. Feito isso, foi mencionado também qual a opinião deles diante dessa celebração (seja na seu segmento ou não). A atividade proposta foi que desenhassem figuras baseadas na discussão assim como sua definição para que fossem expostas aos colegas da sala. A aula findou com felicitações direcionadas aos estudantes pelo trabalho feito, seguida das exposições das figuras produzidas na atividade pelos alunos.

### 2 Resultado

O resultado alcançado foi notado tão logo a audição dos alunos foi iniciada: à medida que as suas diferenças eram expostas, eles diziam a sua opinião à turma e explicavam o motivo da escolha do desenho, assim como porque havia

<sup>1</sup> Semana Santa: Conhecendo diferentes maneiras de celebrá-la

desenhado daquela forma, qual a ideia da figura, qual o conceito escrito, etc. Ao final das audições, os alunos fizeram um agradecimento pela oportunidade de estarem dividindo suas diferentes práticas religiosas ou não, ou seja, compartilharam as experiências por eles presenciadas e/ou até mesmo vividas. Logo abaixo está uma demonstração da atividade resolvida:

Figura 1: Atividade sobre semana santa I



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2: Atividade sobre semana santa II



Fonte: Arquivo Pessoal

### 3 Discussão

A escola é uma instituição necessária, que é coberta por leis no que se diz respeito aos seus princípios e objetivos, ser lugar cuja cultura, saberes e educação exerçam papel primordial na relação com o aparecimento do pluralismo religioso, marca permanente do povo brasileiro. E esse mesmo pluralismo confere que exista lugar para que o campo cultural desenvolvido por meio das diferentes religiões seja debatido, mas abstendo-se de catequese.

De acordo com Junqueira (2016), podemos observar que

Além da escola, como ambiente e lugar da disciplina Ensino Religioso (ER), ainda há que se refletir sobre a Religiosidade, que pela amplitude abrange a dimensão humana e as manifestações das diferentes vertentes ou tradições religiosas. O fato “religioso” remete a questionamentos, e resulta em formação, cuja qualidade forma e é formada pela atitude tanto de condução quanto de recepção. O ER contribui nos aspectos formativos a partir do Fenômeno Religioso—cuja capacidade, quando desenvolvida, pode ampliar a reflexão e a ação, com relação aos acontecimentos, formulações, normas, gestos e significados, sendo mesmo uma ferramenta para um agir social que venha a “[...]—subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informado; - refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano [...]”. (FONAPER. 1998, p.30-31). A individuação das manifestações religiosas, que revelam historicamente as diferentes concepções de divindade e formas de cultura, é por vezes antagônica entre elas, contudo de acordo com a fenomenologia, esses fatores não são excludentes quanto ao conhecimento que ele possibilita acesso. A disciplina deve se esquivar das análises que promovam a mera identificação, oposições ou juízo de valor, pois pretende uma ação transformadora com os aspectos do Fenômeno Religioso. Como apresentado anteriormente, tanto os conhecimentos escolares quanto os aspectos religiosos trazem consigo o potencial formativo, de tal forma carregado de tendências e influências, que tanto se complementam quanto conflitam—e por isso mesmo, nesse encontro e movimentos, enraizado em um fazer pedagógico responsável, é possível vislumbrar sujeitos críticos e protagonistas de suas histórias conscientes da importância e contribuição de outras. (pp.8-9)

Sem dúvida, essa concepção se encaixa na perspectiva de um ensino analítico, como destaca os PCN’s, que toma esse ensino como uma oportunidade que o aluno possui de expandir seu conhecimento sobre cultura (indo além de sua própria). Com essa ciência, entendemos que esta interação social na sala de aula ajuda o aluno na construção de interpretação mais significativa dos diálogos, uma vez que nesta perspectiva o ensino-aprendizagem é desenvolvido a partir do contexto em que o aluno está inserido.

Pierucci (2013, p. 33) afirma que “querer defender as diferenças sobre uma base igualitária acaba sendo tarefa difícil em termos práticos” visto que ao se iniciar um debate já se é entendido certa defesa a determinado conceito e se não for bem

conduzido, pode ser utilizado o próprio discurso para a desconstrução do mesmo, resultando assim não a promoção da valorização e conhecimento acerca de outras maneiras e sim no enraizamento do preconceito e discriminação nos indivíduos.

Em concomitância com esta ideia de interação, o professor ou professora que trabalha na educação básica, nível de ensino esse que essencialmente está ligado à formação cabal dos alunos, precisa fazer uso das características individuais a fim de gerar afliências que propiciem essa interação social e o acesso a aprendizagem nas diversas áreas dos saberes oriundos da cultura de cada um. Desta forma, fazer uso em sala de aula de um método de abordagem mais próxima da realidade do aluno, favorecerá ao mesmo um maior envolvimento com a língua e/em seu uso em contextos diferentes, proporcionando o desenvolvimento de sua autonomia na via aprendizado-interação. Além do mais, permite ao professor dinamizar sua aula de modo que a reprodução do método tradicional de se ensinar gramática seja pouco a pouco visto que ele por si só não é eficaz na prática pedagógica.

No conhecimento das concepções de linguagem, segundo Krause-Lemke (2004), que nos apresenta três principais concepções de linguagem, mas focando na concepção que mais se pode ser cultivada no contexto escolar, a saber sociointeracionista – que é desenvolvida de acordo com a interação ocorrida no processo dialógico, cuja de acordo com os PCN's, podemos observar que

O uso da linguagem (tanto verbal quanto visual) é essencialmente determinado pela sua natureza sociointeracional, pois quem a usa considera aquele a quem se dirige ou quem produziu um enunciado. [...] O processo sociointeracional de construir conhecimento linguístico e aprender a usá-lo já foi percorrido pelo aluno no desafio de aprender sua língua materna. [...] Enfim, o aluno já sabe muito sobre sua língua materna e sobre como usá-la, ou seja, sabe muito sobre linguagem. (BRASIL, 1998, p. 28)

Assim, essa percepção concorda na perspectiva do ensino de línguas em sala de aula, especificamente o ensino de LI, como destaca os PCN's, que toma esse ensino como uma oportunidade que o aluno possui de expandir seu conhecimento sobre linguagem (indo além de sua língua materna). Com essa ciência, entendemos que esta interação social na sala de aula ajuda o aluno na construção de interpretação mais significativa dos enunciados, uma vez que nesta perspectiva o ensino-aprendizagem é desenvolvido a partir do contexto em que o aluno está inserido.

Para Antunes (2007) é necessário que se aprenda as regras gramaticais de uma língua, porém não é o suficiente, pois a fixação no estudo da gramática não condiz com a perspectiva da língua como atividade sociointerativa, uma vez que a língua é dinâmica e está constantemente em mudança devido a seu uso em diferentes épocas e gerações, é preciso que trabalhem com os alunos o uso da língua sem se ater apenas à exposição da estrutura gramatical, buscando levar ao contexto escolar uma abordagem diferente, onde o aluno possa construir seu aprendizado e apropriar-se de seu espaço na sociedade: na condição de cidadão crítico e reflexivo.

## Conclusão

O processo ensino-aprendizagem precisa ser desvelado com foco no conhecimento, contextualizado para debater no espaço escolar as distintas tradições religiosas. Para tanto, a interdisciplinaridade é uma das formas de viabilizar uma relação dialógica entre a religião, a educação e a diversidade cultural religiosa no ambiente escolar. É indispensável que o espaço escolar aborde os assuntos sobre diversidade cultural religiosa sem fazer referência a basicamente uma religião em específico. Por isso, o convívio intercultural é possível através de processos educacionais que estimem a diversidade cultural, simultaneamente com as identidades na sociedade, por meio da percepção dos outros, promovendo uma maneira particular e coesa de expressão e manifestação, de desenvolvimento da sua autonomia e assim se ter a livre escolha de aderir ou não por um segmento religioso.

Desta maneira, pesquisas e trabalhos nesse ponto de vista têm mostrado a importância da educação para o desafio de educar frente a preconceitos especificamente de religião (entre outros), que leve os alunos a uma perspectiva democrática e plural que aceite o diálogo entre culturas e prossiga no desempenho favorável de educandos advindos de mundos culturais plurais.

Afirma Camargo (2007, p.33 apud Silva et al, 2011, p. 91) que

A formação reflexiva e continuada se constitui como proposta capaz de transportar o professor para a realidade dos contextos onde atua ou atuará, concedendo-lhes a autonomia, segurança e autossuficiência no processo do ensino e na gratificação do aprendizado de seus alunos.

Em outras palavras, é na autocrítica profissional e no observar de práticas, abordagens e técnicas (teóricas e/ou práticas) que o professor constrói uma via eficaz de aprendizagem para seu aluno ao mesmo passo que fortalece sua identidade como mediador do conhecimento.

#### Referências

ANPTECRE, V, 2015, Curitiba. **Educação, religião e diversidade religiosa no espaço escolar.** (Comunicação). Curitiba: Editora PUCPR, 2015, 11.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação média e tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1998.

FIPED, VIII, 2016, Imperatriz. **Diversidade religiosa no contexto escolar:** uma discussão baseada no conceito de cultura. (Pôster). Imperatriz: Editora Realize, 2016, 6p.

Instituto de Pesquisas Plano CDE. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira.** São Paulo: British Council, 2015.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Materiais didáticos para o componente curricular Ensino Religioso visando a 2016 implementação do artigo 33 da Lei 9394/96 revisto na Lei 947/97.** 2016. 103 f. Projeto CNE/UNESCO.

KRAUSE-LEMKE, Cibele. **As concepções de linguagem subjacentes à prática pedagógica de professoras de língua espanhola e suas implicações para a construção do conhecimento.** 2004. 127 f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) – Curso Letras com habilitação em Língua Espanhola, Universidade Católica de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença.* São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia FFLCH-USP/Editora 34, 2013. pp 14-67.